

TEMÁTICA LIVRE

Um coração que atordoa: o Bicentenário da Independência e suas desarticulações

A heart that stuns: the Bicentenary of Independence and its disarticulations

BRUNO SOUZA LEAL

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: brunosleal@gmail.com. ORCID: 0000-0002-6937-6976.

Edição v. 43
número 1 / 2024

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 43 (1)
jan/2024-abr/2024

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LEAL, Bruno Souza. Um coração que atordoa: o Bicentenário da Independência e suas desarticulações. **Contracampo**, Niterói, v. 43, n. 1, P. 01-15, jan./abr. 2024.

Submissão em: 21/09/2023. Revisor A: 22/11/2023; Revisor B: 03/12/2023; Revisor C: 15/03/2024; Aceite em: 17/04/2024.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v43i1.59992>

Resumo

O artigo analisa a cobertura do Bicentenário da Independência pelo portal Uol, com atenção especial às notícias sobre o coração de D. Pedro I, trasladado ao Brasil provisoriamente para as comemorações, refletindo sobre as dinâmicas temporais em torno do jornalismo e das efemérides. O tratamento pouco comovido com a presença em terras brasileiras do órgão de D. Pedro I contrasta com os modos como corpo do Imperador e o próprio Sesquicentenário foram tratados à época, como é recuperado, ainda que brevemente, através da cobertura que lhe foi dada, no início dos anos 1970, pelo Jornal do Brasil, então uma das mais importantes mídias impressas do país. Nesse percurso, observamos que a ação envolvendo despojos de D. Pedro I não adquiriu, em 2022, o caráter de uma elegia, apresentando mais como uma espécie de paródia envolta em um significativo atordoamento.

Palavras-chaves

Jornalismo; Acontecimento; Efeméride; Temporalidade.

Abstract

The article analyzes the coverage of the Bicentenary of Independence by the UOL portal, with special attention to the news about the heart of King Pedro I, provisionally transferred to Brazil for the celebrations, and reflects on the temporal dynamics surrounding journalism and ephemera. The lukewarm treatment given to the presence of Pedro I's body on Brazilian soil contrasts with the way in which the Emperor's body and the Sesquicentennial itself were treated at the time, as can be seen, albeit briefly, in the coverage given to it in the early 1970s by Jornal do Brasil, then one of the most important print media in the country. Along the way, we observed that the action involving the spoils of King Pedro I did not acquire the character of an elegy in 2022, but more of a kind of parody, wrapped in a significant daze.

Keywords

Journalism; Event; Ephemeridis; Temporality.

Introdução

Este artigo reflete sobre acontecimento e temporalidade, tendo como referência uma situação específica, o Bicentenário da Independência do Brasil, tal como configurado por uma das grandes mídias informativas do país. Efemérides como as comemorações da independência brasileira, como se verá, tem o caráter de um acontecimento que retorna e, com isso, articula de modo peculiar a memória, o presente e o futuro. No caso do Bicentenário, acompanhamos, entre agosto e setembro de 2022, a cobertura que lhe dedicou o UOL, um dos maiores portais informativos brasileiros na internet, e que publica materiais oriundos de jornais e empresas jornalísticas diversas, como a Folha de S. Paulo, o Estado de S. Paulo e a BandNews. O governo brasileiro, à época, organizou a efeméride com vistas a fortalecer a imagem do então presidente, exaltando valores como patriotismo e tradição e reforçando seus laços com a ditadura civil-militar, da qual ele se coloca como herdeiro. Em 1972, em pleno governo Médici, o Sesquicentenário da Independência foi marcado pelo traslado definitivo dos restos mortais de D. Pedro I, de Portugal ao Brasil, onde foi enterrado – após sua exposição pública em diferentes capitais – no museu do Ipiranga. Em Portugal, ficou para trás o coração do ex-imperador, guardado, a pedido dele, na cidade do Porto.

Em 2022, o governo brasileiro decide, emulando o ocorrido 50 anos antes, trazer, mesmo que provisoriamente, essa parte extirpada e expatriada de D. Pedro I, que foi recebida pelo então presidente da República com honras de Estado e, em sua urna dourada, exposta à visita da população. Apesar desse planejamento, o que se viu foi o esvaziamento da efeméride, cujo uso político foi sobrepassado pelos temas mais urgentes que emergiram na campanha eleitoral daquele ano, na qual o então presidente Jair Bolsonaro concorria à reeleição. Nesse contexto, a exposição do coração de D. Pedro I, que seria um momento de pompa cívica, emergiu como algo triste e mórbido, particularmente nos modos como foi narrado pelo Uol. Na reflexão sobre esses acontecimentos, este artigo realiza um duplo movimento analítico, de base contextual (LEAL, CARVALHO, 2017; RIBEIRO et al., 2017; BARBOSA, REGO, 2017): inicialmente, observamos, no Uol, em mais detalhe, o tratamento que foi dedicado ao órgão extirpado do ex-imperador. Essa contextualização sincrônica é seguida de uma outra, diacrônica, em que se recupera a cobertura do Jornal do Brasil do Sesquicentenário da Independência. Um dos maiores jornais do país à época, o JB realiza uma extensa cobertura daquela efeméride tomada como estratégica pela ditadura civil-militar.

O contraste entre o tratamento pouco comovido do coração do ex-imperador, no Bicentenário, e a reverência destinada aos restos mortais de D. Pedro I, no Sesquicentenário, permite alcançar e refletir sobre as dinâmicas temporais envolvendo ainda efemérides e jornalismo, além de alguns aspectos importantes do momento histórico recente. Pensado como uma elegia patriótica, que contribuiria para o culto à personagem do ex-presidente, a ação envolvendo os despojos de D. Pedro I se mostrou, ao contrário, como uma espécie de catástrofe, a julgar pelo que se viu no UOL. A pompa foi substituída por um atordoamento e o que marcaria o retorno reverenciado de um momento passado se revelou mais próximo de uma desafortunada, talvez involuntária, paródia

Em torno das efemérides

Em um artigo publicado no início de 2022, o embaixador e ex-ministro Rubens Ricúpero traz, no título, uma pergunta provocativa: vale a pena comemorar o Bicentenário da Independência do Brasil? Já nos seus primeiros parágrafos, o artigo traça um breve panorama do contexto e dos desafios dessa comemoração. Comparando com o ambiente que cercou o Centenário, em 1922, ele observa que “[j]á agora sente-se uma apatia generalizada, uma completa falta de interesse, uma atitude de indiferença por parte da população”. Ricúpero diagnostica esse desânimo:

Poderia ser diferente no momento em que ainda não conseguimos virar a página da catástrofe da Covid-19? Quando continuamos a chorar as mais de 600.000 mortes causadas em parte pelo pior governo brasileiro em 200 anos? Pode-se acaso esperar ânimo celebratório de um povo profundamente marcado pela desesperança, pelo sentimento de fracasso nacional, de crise interminável na economia, na política, na autoestima coletiva? A data oficial do Bicentenário cai algumas semanas antes das eleições de 2 de outubro de 2022. Terá de concorrer com a reta final da campanha. Será que alguém vai se interessar por uma efeméride histórica em vez de concentrar a atenção numa eleição decisiva? (RICÚPERO, 2022, p.115-116)

Tendo como horizonte o risco de a efeméride ser subsumida pelas eleições presidenciais, ao longo do artigo Ricúpero, porém, não se furta a oferecer sua visão sobre as comemorações. Ele observa o surgimento, ao longo do século XX, de visões críticas ao processo de formação do Brasil e que, a seu ver, devem ser consideradas no Bicentenário. Lembrando que a palavra comemorar tem o sentido de lembrar juntos, ele considera então que

[...] o desejo de comemorar tem de estar unido intimamente à visão crítica, a evocação do bem com a do mal, das luzes com as trevas, da justiça com a iniquidade. A comemoração necessita dar voz aos que concorreram com trabalho, sofrimento, perda da liberdade, da própria vida, para a formação de uma sociedade ainda demasiado imperfeita no desequilíbrio, na desigualdade, na injustiça (RICÚPERO, 2022, p.124, grifos do original).

Ao fim e ao cabo, para Ricúpero, a comemoração do Bicentenário da Independência deve se preocupar em “[...]criar para a juventude razões plausíveis para acreditar que o terceiro centenário encontrará o Brasil melhor que o encontrou em 2022 ou em 1922” (2022, p. 127). Ao se encerrar com esse tom, quase uma convocação, o artigo como que responde, ao seu modo, ao diagnóstico que apresenta em seu início, de um desânimo, de falta de interesse e de poucas iniciativas, sejam pelo Governo Federal, seja por outros agentes sociais, que assumissem o Bicentenário como momento de reflexão e comemoração crítica e/ou afetiva.

A preocupação de Ricúpero (2022) espelha bem o papel que as efemérides ocupam na vida social. Como observam Cavalcanti (2021) e Amormino e Cavalcanti (2022), entre outros, as efemérides, como uma espécie de *acontecimento que se repete*, se apresenta como um recurso de memória que permite não só a atualização do passado no presente, como o diálogo com o futuro. Nesse sentido, a efeméride insere, na dinâmica midiática, em especial jornalística, uma complexidade temporal que não se deixa apreender pela retórica usual da atualidade e nem mesmo a partir das concepções do acontecimento como um evento pontual e circunscrito (ANTUNES, 2007; 2008, entre outros). Assim,

A efeméride, por sua vez, presentifica o passado em ritmo cíclico e constrói uma memória que tende a ser perene no espaço jornalístico efêmero. Esse possível anacronismo, especialmente constante no segmento cultural, revela a capacidade de acionar a presentificação do passado por meio de uma mediação temporal mais distendida, que faz referência a temas, pessoas ou obras que não necessariamente fariam parte da agenda do momento (CARVALHO, 2021, p.9).

Tendo em vista essa tensão que a efeméride traz ao sentido de atualidade do jornalismo tradicional, é importante observar que ela produz também uma espécie de cadeia de acontecimentos e de notícias. As datas comemorativas são caracterizadas por eventos que, no presente, dialogam com ocorrências do passado e apontam, pela rotina de repetição das celebrações, para outros momentos semelhantes que virão no futuro. Esses acontecimentos de hoje, mas que se articulam ao que já foi e ao que virá, são apresentados em notícias e reportagens que simultaneamente dialogam com essa cadeia acontecimental e com o corriqueiro das narrativas jornalísticas sobre a efeméride específica. Diante do histórico da cobertura jornalística de uma data particular, uma mídia informativa específica pode, então, por exemplo, escolher manter seu padrão noticioso, deslocá-lo, romper com ele, produzir *mais uma*

notícia ou, como analisam Amormino e Cavalcanti (2022), desenvolver uma série, caderno ou produto especial, a princípio inovador.

Apesar da exortação de Ricúpero (2022), o que se viu em 2022 foi um Bicentenário lembrado fragmentariamente e que foi, como o embaixador e ex-ministro alertou, tomado pela agenda política. Nesse cenário, este artigo sugere que o Bicentenário não chegou a ser exatamente celebrado, ao menos segundo o que se viu na mídia jornalística. Atravessados pelas eleições, os 200 anos da Independência do Brasil foram lembrados, sem dúvida, mas de um modo que contrariou as expectativas de uma efeméride que servisse para refletir sobre a nação, seu passado e seu futuro. Entre as ações e eventos que visaram celebrar o Bicentenário, o governo federal promoveu o traslado ao Brasil do coração de D. Pedro I, vindo temporariamente de Porto, Portugal, onde está guardado. Ao trazer esse fragmento do corpo do primeiro imperador brasileiro, o governo de então emulava as comemorações do Sesquicentenário da Independência, em 1972. Naquele momento, sob o governo Médici, em plena ditadura civil-militar, buscou-se a exaltação de um sentimento patriótico cujo ponto alto foi a recuperação dos restos mortais de D. Pedro I.

O coração de D. Pedro I recebeu uma cobertura jornalística relativamente tímida, assim como o próprio Bicentenário, como se pôde perceber a partir do acompanhamento do que foi publicado entre agosto e setembro de 2022 pelo Uol, um dos maiores portais de informação jornalística do Brasil. A recuperação das notícias apresentadas no portal, que reúne diferentes agentes jornalísticos, permite ver não só uma espécie de esvaziamento da efeméride como o lugar incômodo e incerto que o coração do Imperador ocupou em meio às comemorações. O tratamento pouco comovido com a presença em terras brasileiras do órgão de D. Pedro I contrasta com os modos como o corpo do Imperador e o próprio Sesquicentenário foram tratados à época, como recuperaremos, ainda que brevemente, através da cobertura que lhe foi dada, no início dos anos 1970, pelo *Jornal do Brasil*, então uma das mais importantes mídias impressas do país. Nesse percurso, observamos que a ação envolvendo despojos de D. Pedro I não adquiriu, em 2022, o caráter de uma elegia, apresentando mais como uma espécie de paródia, envolta em um significativo atordoamento.

O Bicentenário no Uol, uma aproximação

O Uol foi uma das páginas na internet mais visitadas por brasileiros em 2022, com um tráfego mensal acima de 300 milhões de acessos e tempo médio de permanência em torno dos 15 minutos.¹ É concorrente direto do *Globo.com*, vinculado ao canal de televisão e ao jornal de mesmo nome, mas, ao contrário desses, agrega material de mais de uma empresa jornalística, como a *Folha de S. Paulo*, a *TV Cultura*, o *Estado de S. Paulo*, a *piauí* e a *BandNews*. Além disso, o portal tem suas próprias editorias, como o *Nossa* e o *Ecoa*, adicionalmente ao material das mídias tradicionais.

O acompanhamento das notícias do Uol sobre o Bicentenário se deu em duas etapas: uma de observação, nas primeiras semanas de agosto de 2022, de modo a estruturar um levantamento detalhado. Este, por sua vez, compreendeu 13 dias, de 29 de agosto a 10 de setembro de 2022 e foi impactado por um outro acontecimento: no dia 8 de setembro morre a rainha Elizabeth II, do Reino Unido, o que deslocou a atenção da mídia brasileira das possíveis repercussões dos eventos do dia da Independência. Aliás, essa mudança de foco foi inclusive tematizada no próprio Uol, no próprio dia 8/9, na coluna de José Roberto de Toledo, que trazia o título “Rainha destrona Bolsonaro nas redes e acaba como ‘efeito 7 de setembro’”.² Como se vê, o texto explicita que o 7 de setembro de 2022 foi menos sobre o Bicentenário do que sobre a

1 Disponível em: <https://crpmango.com.br/sites-mais-acessados-brasil-2022/>; <https://codeempresarial.com.br/quais-sao-os-101-sites-mais-acessados-no-brasil-em-2022/>. Acesso em: 31 ago.2023.

2 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jose-roberto-de-toledo/2022/09/08/rainha-destrona-bolsonaro-nas-redes-e-acaba-com-efeito-7-de-setembro.htm>. Acesso em: 31 ago.2023.

campanha eleitoral e o uso que o então presidente da República fez da efeméride.

No levantamento detalhado, o Uol foi acessado, em sua página de entrada, e lido duas vezes ao dia, no final da manhã e no fim da tarde. Foram selecionadas 75 notícias que estavam na sua página de entrada e se referiam aos 200 anos da Independência do Brasil e suas celebrações. Optou-se por recolher as notícias que o portal trazia como mais impactantes ou importantes e que, por isso, mereciam estar na sua página principal. As publicações tiveram uma acentuada curva ascendente até 7 de setembro e a partir daí uma queda significativa: o portal trouxe uma única matéria em 30/8 e no dia 31/8; já dia 6/9 foram 10 textos e 36 no dia 7 de setembro. Já nos dias 8 e 10/9 foram, respectivamente, 5 e 1 textos. No dia 7 de setembro, as publicações sobre as comemorações da Independência do Brasil corresponderam a cerca de 48% de todo material constante na página de entrada do Uol. Assim, o ritmo e o número de publicações caracterizam um centro temporal das notícias, o dia 7 de setembro, circunscrevendo o Bicentenário a uma data e a um momento pontual no tempo.

De todo esse material, 39 textos (52%) faziam referências diretas, no título, a ações do então presidente da República e ao seu uso político da data. Já as demais notícias e reportagens abordaram temas distintos, como a reabertura do Museu do Ipiranga, os desfiles, a Esquadrilha da Fumaça, a história da bandeira nacional e a influência portuguesa na gastronomia brasileira. A diversidade de assuntos associados à Independência reflete a variedade de editoriais e seções do Uol e suas abordagens peculiares. O 7 de setembro, na variedade de temas e acontecimentos associados a ele, foi configurado diferentemente também em quantidade, conforme as diversas seções do portal: *Uol Notícias* (16 textos), *Uol Eleições* (14), *Folha de S. Paulo* (16), *Splash* (3), *Universa* (2), *Tab* (2), *Nossa* (3), *Uol Economia* (2), *Ecoa* (3). Parte significativa dos 75 textos recolhidos, 24 deles, são de colunistas, que traziam informações e especialmente comentários interpretativos sobre acontecimentos diversos associados às comemorações da Independência.

Em uma visada geral, a cobertura do Uol faz ver o apagamento do Bicentenário como uma festa cívica ou mesmo como oportunidade de reflexão sobre o país. Efetivamente, a efeméride do Dia da Independência foi marcada pelo uso político promovido pelo então presidente da República, em seus esforços para se reeleger. Nesse sentido, percebemos no Uol e na variedade de textos que trouxe, uma tensão entre uma espécie de crônica das comemorações da Independência, com pouco destaque para o Bicentenário, e a cobertura dos eventos que pautavam o cenário político do momento. Na diversidade de temas e acontecimentos narrados, o traslado e a exposição do coração de D. Pedro I receberam um tratamento relativamente pequeno, mas significativo. Histórias e comentários acerca de D. Pedro I, e entre elas sobre a exposição do seu coração, estão presentes em 17 das 75 narrativas recolhidas.

O órgão do Imperador chegou ao Brasil de avião, no dia 22 de agosto, e foi recebido com honras pelo então presidente da República. Nesse mesmo dia, o Uol noticia uma entrevista com a historiadora Lília Schwarz,³ que participou do *Uol Entrevista* (programa do seu canal de vídeos), com o título “Schwarcz: Bolsonaro receber o coração de D. Pedro como dignitário é palhaçada”. A matéria seleciona e destaca trechos da entrevista em que a historiadora classifica o evento como parte de uma cultura mórbida, ao mesmo tempo em que explicita o quanto as comemorações do Bicentenário serviam à agenda eleitoral do então presidente. Entre as falas de Lília Schwarz recuperadas no texto, está por exemplo esta:

Ele quer se apresentar como Dom Pedro. De que maneira? Dom Pedro foi obrigado a dar golpe em seu pai, Dom João VI, para garantir a independência e a soberania do Brasil por um bem maior. O que fará Bolsonaro? A mesma coisa. Vai ter que dar golpe para garantir o verdadeiro destino do Brasil, que não será entregue aos comunistas, segundo a liturgia bolsonarista (UOL, 2022, n.d).

³ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/08/22/schwarcz-bolsonaro-receber-coracao-de-d-pedro-como-dignitario-e-palhacada.htm>. Acesso em: 31 ago.2023.

A entrevista com Lília Schwarcz caracteriza então os desafios que a cobertura do Bicentenário trazia à mídia jornalística brasileira. Sendo cooptada pela agenda política do então presidente, a efeméride exigia um tratamento cauteloso e sem dúvida crítico, dado o tom eleitoral que era recorrente e a busca por parte do candidato em campanha em se associar a ditadores e imperadores e a valores como patriotismo e tradição. Já o traslado e a exposição do coração do Imperador traziam, além disso, o componente mórbido e incômodo explicitado por Schwarcz. Afinal, ainda que o governo federal quisesse que o coração representasse e personificasse o próprio D. Pedro I, de modo a promover sua identificação com o então candidato presencial, ele não deixava de ser um fragmento de um “órgão falido do corpo de um imperador”, conforme definiu Schwarcz, conservado em formol.

Aliás, o próprio D. Pedro I recebeu um tratamento jornalístico do Uol que acentuava suas contradições e o afastava do imaginário de herói da Pátria, como deixam ver as matérias “Dom Pedro 1º, rei trágico, foi salvador em Portugal e déspota no Brasil” (da *Uol/Folha de S. Paulo*, em 03 de setembro);⁴ “Diretor de série sobre Independência: ‘D. Pedro 1º era só um despótico’” (*Tab Uol*, em 04 de setembro);⁵ “Dom Pedro 1º nadava pelado, se chamava de ‘Demonão’ e chocava diplomatas” (*Uol/Folha de S. Paulo*, em 30 de agosto).⁶ Já no dia 07 de setembro, novamente o Uol constrói negativamente a vinda do coração do Imperador, desta vez com a matéria “Tataraneto de d. Pedro 1º critica vinda de coração ao Brasil: ‘Uso eleitoral’”, também da *Folha de S. Paulo*.⁷ O texto, que traz a entrevista com um descendente do Imperador, inicia de modo explícito: “A vinda do coração de D. Pedro I para o Brasil é ‘mórbida e triste’, disse João de Orleans e Bragança, tataraneto do primeiro imperador do Brasil” (UOL, 2022, n.d.).

Uma das narrativas do Uol de maior extensão sobre esse evento que integrou as comemorações do Bicentenário foi publicada no dia 31 de agosto, na seção Ecoa, que trouxe a matéria “Alvo de racismo, este médico negro foi quem conservou o coração de D. Pedro I”.⁸ O texto traz a história de João Fernandes Tavares, homem negro que se tornou o médico particular do Imperador brasileiro e posteriormente D. Pedro IV de Portugal, quando este voltou à Europa. Atendendo aos desejos de D. Pedro, João Fernandes retirou seu coração e o conservou em formol, de modo a mantê-lo permanentemente em Porto. Na narrativa do Ecoa, o médico João Fernandes Tavares é apresentado a partir de pautas contemporâneas, como racismo e a xenofobia contra brasileiros em Portugal. Assim, o texto diz que “há vários registros de como os brasileiros eram tratados na Europa, principalmente em Portugal, onde, já naquela época, havia um ‘bullying’ contra brasileiros que fossem estudar em Coimbra, por exemplo [...]”. A narrativa constrói a vida de João Fernandes como uma história de superação (“De família pobre, Tavares estudou medicina na Europa graças à ajuda de um tio, que trabalhava como mestre de obras”) e como signo da refundação do país (“Em pleno bicentenário de nossa Independência, sua trajetória ainda clama por reconhecimento”). Se não o herói, mas certamente o protagonista da narrativa do Uol é, portanto, o médico negro, perseguido em vida e esquecido após sua morte, e não o filho de D. João VI.

No entanto, se a presença do órgão falido do primeiro imperador foi noticiada sob reservas e críticas, a matéria mais inquietante e certamente contrária às intenções do governo federal de então foi publicada no dia 8 de setembro, na seção Cotidiano do Uol Notícias. O título da narrativa trazia a pergunta

4 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/09/dom-pedro-1o-rei-tragico-foi-salvador-em-portugal-e-despota-no-brasil.shtml>. Acesso em: 31 ago.2023.

5 Disponível em: <https://tab.uol.com.br/colunas/matheus-pichonelli/2022/09/04/elenco-de-independencias-ve-paralelos-entre-brasil-atual-e-o-do-seculo-19.htm>. Acesso em: 31 ago.2023.

6 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/08/d-pedro-1o-nadava-pelado-se-chamava-de-demonao-e-chocava-diplomatas.shtml>. Acesso em: 31 ago.2023.

7 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/09/tataraneto-de-d-pedro-10-critica-vinda-de-coracao-ao-brasil-uso-eleitoral.shtml>. Acesso em: 31 ago.2023.

8 Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/08/31/alvo-de-racismo-medico-tratou-d-pedro-e-conservou-coracao-do-imperador.htm>. Acesso em: 31 ago.2023.

“Como podemos ter certeza de que o coração exposto é mesmo de D. Pedro 1º?”⁹ A matéria movia-se a partir da pergunta título e fazia uma espécie de investigação, informando o desejo de D. Pedro I em ter seu coração guardado em Porto (“[...] cidade pela qual se apaixonou ao final da vida.”), que o órgão é guardado em uma Igreja desde 1837 e esclarecendo que a cada dez anos é trocado o formol que o conserva. Com isso, o texto lança dúvida: “dá para cravar que esse coração é mesmo de dom Pedro?”. A resposta deixa claro que “é preciso um longo trabalho para poder identificar que o órgão pertenceu mesmo ao primeiro imperador brasileiro” e que a certeza só virá com um exame de DNA. No entanto, o texto também informa que não se sabe se foi coletado o DNA dos restos mortais de D. Pedro I e ressalta que o formol deteriora o material genético. Assim, não há como saber com total segurança que o fragmento do corpo é mesmo do primeiro imperador do Brasil.

Fora da página principal do Uol, a Folha de S.Paulo traz, no dia 6 de setembro, a matéria “7 de Setembro da ditadura usou dom Pedro e seleção para celebrar milagre econômico”.¹⁰ Nela, recupera-se o esforço realizado pelo governo Médici, por ocasião do Sesquicentenário da Independência, de comemorar a data. À época foi formada uma Comissão dos Festejos do Sesquicentenário da Independência, que se responsabilizou em nível nacional por estimular e coordenar as comemorações. A vinda definitiva dos restos mortais de D. Pedro (sem seu coração) foi programada para ser o ponto alto da efeméride, que se tornou parte importante da estratégia comunicativa e de legitimação do governo Médici. Buscava-se então difundir valores caros ao regime civil-militar, como patriotismo, nacionalismo, ordem e progresso.

O corpo do primeiro Imperador brasileiro chegou ao Rio de Janeiro em 22 de abril de 1972, vindo de Portugal no navio *Funchal*, quando foi transportado para outro navio, o *Piraquê*, e então atracou oficialmente no país. A partir daí, circulou pelos diferentes estados brasileiros até ser enterrado com pompas no Museu do Ipiranga, em São Paulo. Os trasladares, o sepultamento e todas as festividades do Sesquicentenário foram acompanhados ao longo de vários meses pela mídia jornalística da época. O Jornal do Brasil, um dos maiores e mais importantes jornais impressos diários brasileiros, por exemplo, em um levantamento feito através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, trouxe mais de 150 notícias sobre o Sesquicentenário, cobrindo inclusive as fases de planejamento das festividades, que se iniciaram antes mesmo de começar a década de 1970. Em 1972, ano do Sesquicentenário, somente sobre a vinda do corpo de D. Pedro I o JB traz pelo menos 44 textos, entre notas, notícias e reportagens.

Ao longo de 1972, os leitores e leitoras do JB acompanharam os preparativos para o embarque do corpo do Imperador em Portugal e a expectativa da sua chegada; tiveram notícias e análises sobre a importância desse retorno; seguiram a viagem do navio *Funchal*, inclusive em sua parada rápida em Recife, antes de sua chegada oficial ao Brasil em 22 de abril. A partir daí, acompanharam as viagens do corpo do Imperador pelos diferentes estados brasileiros e as reações que o cercaram. Ainda que geralmente muito positivas, com o jornal destacando o sentimento cívico e a comoção que tais restos mortais provocavam, eles nem sempre foram bem-vistos. Assim, se em 25 de julho de 1972, o jornal noticia que a “Amazônia reverencia D. Pedro I”,¹¹ narrando a presença dos despojos do Imperador em Manaus, meses antes, na edição dos dias 21 e 22 de maio,¹² um texto opinativo assinado por Barbosa Lima Sobrinho informava que o Instituto Arqueológico de Pernambuco, apesar de se somar às comemorações do Sesquicentenário,

9 Disponível em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/09/08/como-saber-se-o-coracao-exposto-e-mesmo-de-d-pedro-1.htm#:~:text=N%C3%A3o%20h%C3%A1%20men%C3%A7%C3%A3o%2C%20nas%20reportagens,perfil%20gen%C3%A9tico%20do%20primeiro%20imperador>. Acesso em: 31 ago.2023.

10 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/7-de-setembro-da-ditadura-usou-dom-pedro-e-selecao-para-celebrar-milagre-economico.shtml>. Acesso em: 31 ago.2023.

11 Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pagfis=240537. Acesso em: 31 ago.2023.

12 O JB, nessa época, não circulava nas segundas-feiras e a edição do domingo compreendia também a do dia seguinte.

não prestava homenagens ao Imperador.¹³ Isso porque, segundo a nota, D. Pedro I fora responsável pela execução “dos mártires de 1824 e pela mutilação do território pernambucano”.

Esse registro feito por Barbosa Lima Sobrinho, porém, constitui-se uma expressiva exceção, uma vez que a cobertura do *Jornal do Brasil* nitidamente registrou a importância cívica dos despojos de D. Pedro e das comemorações do Sesquicentenário. Não se pode deixar de se ter em vista, que, entre outros fatores, os jornais viviam à época sob intensa pressão, escrutínio e censura por parte do governo ditatorial (RIBEIRO, 2016; DINES, 2009, entre outros) e a cobertura noticiosa do traslado do corpo de D. Pedro I era do nítido interesse dos dirigentes do país. No dia 8 de setembro, ao narrar as festividades do dia da Independência, o *JB* não foi nada econômico, dedicando várias páginas à sua cobertura, inclusive com grande destaque às fotos. Na página 5, a manchete trazia: “São Paulo vê o maior desfile dos últimos 18 anos”.¹⁴ No texto, é informado que os desfiles militares reuniram mais de 300 mil pessoas e compara esse número com outros eventos na cidade. Ao final da matéria, o *JB* informa que o traslado dos despojos de D. Pedro I para o Parque da Independência, ocorrido dias antes, reuniu 1,5 milhão de pessoas, “porque foi realizado num dia comum, onde a movimentação da cidade é normal, com todos os escritórios funcionando”.

Ambas as efemérides, os 150 anos e o Bicentenário da Independência do Brasil, serviram aos interesses políticos de quem governava o país à época. No entanto, é importante destacar ao menos a diferença entre uma ação coordenada e reconhecidamente coesa, por parte do governo Médiçi, que tomou o Sesquicentenário para si, e as ações eleitoreiras de 2022, em que a campanha presidencial relegou o Bicentenário a uma mera escada para a visibilidade do então candidato à reeleição. Com isso, a exposição do coração de D. Pedro I ficou deslocada e sem lastro. Mesmo a associação com a recuperação dos despojos do Imperador, ocorrida em 1972, foi deixada de lado, não sendo efetivamente lembrada na maioria das notícias. Assim, se a intenção era estabelecer uma continuidade entre as duas comemorações e, com isso, promover a identificação do então candidato à reeleição com os governos militares e com o primeiro Imperador do país, ela não se efetivou. Sendo reconhecida como algo triste e mórbido, a exposição temporária de um coração ficou, sem pudor do trocadilho, sem corpo e sem sustentação.

O que acontece?

As comemorações do Bicentenário da Independência são tanto um evento peculiar, quanto constituídas por uma diversidade de acontecimentos, como pudemos ver. Nesse sentido, como já haviam indicado Cavalcanti (2021) e Amorminoe Cavalcanti (2022) acerca das efemérides em geral, o Bicentenário apresenta-se sob o signo da repetição, do retorno cíclico e de um ritmo que recusa visões mais recorrentes que tomam o acontecimento como algo inteiramente novo, inédito e que contrastaria com a vida ordinária. Não há nada exatamente extraordinário na efeméride, que se valida, ao contrário, por seus vínculos com a memória e nas articulações entre passado, presente e futuro.

No entanto, ter em vista o caráter cíclico da efeméride não é recusar a sua potência, a cada retorno, de ser um acontecimento novo. Como lembra François Dosse (2013), em sua ampla recuperação da noção do acontecimento particularmente no âmbito da investigação histórica, é preciso, por um lado, o cuidado com visões que pré-determinam os eventos, retirando-lhes sua singularidade, e, por outro, evitar entendê-los como algo descontextualizado e, portanto, fora da História. Quando revisa as perspectivas que considera “construtivistas”, Dosse observa que “[I]gido à esfera do agir, o acontecimento contém um poder hermenêutico fundamentalmente ligado ao seu devir” (2013, p.273). Ou seja:

13 Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pagfis=235589. Acesso em: 31 ago.2023.

14 Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pagfis=244446. Acesso em: 31 ago.2023.

Não se trata de negar que o acontecimento ocorra a partir de certas condições que se formaram no passado, mas, no entanto, a reconstituição desse passado deve partir desse novo acontecimento; é nesse sentido que a história é sempre indefinida, fatalmente inacabada, porque sempre aberta a acontecimentos posteriores que irão modificar o passado em função de um futuro sempre diferente (DOSSE, 2013, p.274).

Ainda que as efemérides se apresentem sob o signo da repetição, cada retorno de uma dada comemoração se dá em um contexto histórico distinto e abrigando acontecimentos outros, cuja singularidade não pode ser desprezada. Nessa perspectiva, importa na efeméride a qualidade da articulação que estabelece, no presente, com passados e futuros, pois a identidade buscada na repetição é menos algo *natural* ou *óbvio* do que um agir que visa constituir a inteligibilidade e a significação de novos acontecimentos sob os signos da homenagem, da reiteração, do ritual e do lembrar juntos *outra vez*. Sendo, portanto, um momento de articulação de uma coletividade, a efeméride responde a seu modo à complexidade temporal da vida cotidiana. Em que pese a organização cronológica estabelecida nos calendários, que sugere um tempo comum e relativamente identificável, vivemos, para usar a expressão de Dosse (2013), “tempos laminados”, ou seja, somos afetados e agimos em meio a temporalidades múltiplas, nem sempre coerentes entre si. Integra essa diversidade temporal temporalidades que não necessariamente dependem de um tempo quantificado, como diz o historiador francês:

[...] a que resulta de um tempo rítmico que é o retorno do mesmo, mas em um novo lugar. É a repetição cíclica, sazonal, cósmica que sempre experimenta modalidades diferentes, variações ínfimas: ritmos biológicos, mas também o dos habitus, do ambiente cotidiano, da língua, ou ainda o ano litúrgico que se apoia na ideia de recapitulação, de retorno (DOSSE, 2013, p.332).

A presença, portanto, de temporalidades rítmicas na vida cotidiana, sejam vinculadas aos movimentos cósmico-planetários, sejam parte dos hábitos, rituais e liturgias sociais, promovem a peculiar e aparentemente paradoxal articulação entre o *mesmo* e o *outro*, entre *mais um* e *um novo*. Nesse sentido, a abordagem de uma efeméride específica pode implicar a valorização tanto de um dado evento, em sua singularidade, quanto os modos como essa ocorrência dialoga com o que passou e com o que virá. Além disso, quando se tem em conta o poder hermenêutico e o devir dos acontecimentos – discutidos também por Quèré (2005; 2010; 2012) e Benetti e Fonseca (2010), entre outros –, as próprias articulações que instituem o ritmo cíclico das efemérides se tornam mais complexas e merecedoras de escrutínio.

Deve-se considerar também que o termo acontecimento recobre uma multidimensionalidade: uma dada efeméride no momento que ela ocorre pode ser tomada como um acontecimento que, por sua vez, vai se constituir de uma diversidade de outros eventos. Abordagens mais recentes ressaltam essa variação de escala e os modos como as diferentes ocorrências se tensionam em sua integração a um mesmo acontecimento (HORN, 2018; LATOUR, 2020; STENGERS, 2015; LEAL et al., 2021, entre outros). A catástrofe climática, que se desdobra em um sem número de eventos talvez seja o caso mais exemplar dessa intensa malha acontecimental. Em meio a uma tão complexa rede de relações, as mídias, jornalísticas e outras, são, como Dosse (2013) ressalta, agentes incontornáveis na constituição, significação, reverberação, instabilização e/ou fixação dos acontecimentos.

O Bicentenário da Independência, nesse sentido, se conforma em meio a essas dinâmicas temporais e acontecimentais que são, a um só lance, específicas, complementares e contraditórias. As comemorações dos 200 anos de Independência do Brasil, tal como se viu no Uol, se deram perpassadas por linhas de tensão que foram compostas, entre outros aspectos, pelo projeto político do então presidente da República e o modo como materializou uma leitura particular da História do país; pelos entrecruzamentos de passados e futuros e disputas envolvendo o golpe de 1964 e uma possível ação semelhante em 2023; por temas como ditadura, fascismo, eleições e machismos; por um certo sentido de permanência histórica, personificado a partir de agentes como o STF, a Pátria e signos da identidade nacional (a bandeira, a

gastronomia, D. Pedro I, a Esquadilha da Fumaça). Ademais, a coetaneidade com o falecimento da rainha Elizabeth II, do Reino Unido, se apresentou como mais um elemento de tensionamento, uma vez que se constituiu como uma espécie de efeméride concorrente ao Bicentenário.

Nesse sentido, a ausência de maior atenção ao Bicentenário pelo Uol não implicou o esquecimento das contradições em torno da identidade brasileira, como a diversidade de temas trazidos no portal demonstrou. Nesse sentido, o conjunto de textos recolhidos faz, na sobreposição entre os modos de ser dos agentes jornalísticos e os acontecimentos narrados, dinâmicas temporais específicas de notícias e produtos jornalísticos, para além de um sentido homogêneo de atualidade. O domínio da pauta por parte do então presidente da República contribuiu sem dúvida para essa amplitude temporal que emerge na fricção dispersa entre o Bicentenário como efeméride – e, portanto, como memória e repetição – e as urgências e vicissitudes de um outro acontecimento, mais premente, que foram as eleições nacionais.

Como se viu, no ritmo cíclico das efemérides, é decisiva a qualidade da relação que se estabelece entre os acontecimentos de hoje e os do passado e que contribui para a configuração de um futuro possível. Não raro, o gesto de memória materializado na efeméride aponta para continuidades e estabilidades e para valores tidos como fundamentais. Em meio às comemorações do Bicentenário em um contexto de eleições presidenciais decisivas, a vinda e a exposição do coração de D. Pedro I têm um estatuto então peculiar. Afinal, mesmo sendo parte de uma “cultura mórbida”, o coração deveria sustentar uma associação política e simbólica forte com outro acontecimento ocorrido 50 anos antes e com outro ainda mais antigo, ocorrido há 200 anos. Sua presença no Brasil seria assim o signo material de uma repetição e de uma continuidade, com todas as implicações que esse movimento cíclico sugere. No entanto, algo se perde quando esse vínculo com o passado e o presente não se efetiva, quando essa contextualização não dá.

Figura 1 – Imagem da urna com o coração de D. Pedro



Fonte: Uol

Quando se considera que, nas efemérides, as repetições não renunciam a suas dimensões estéticas, podemos então observar com alguma precisão a qualidade do vínculo que sustentaria a encenação em torno do órgão falido do imperador. Em seus renomados estudos sobre as estéticas modernas nas artes

e na literatura, a pesquisadora canadense Linda Hutcheon (1985) investiga alguns modos como uma obra dialoga com outra que a antecede. Ela dedica particular atenção à paródia, que é entendida como um recurso de autorreflexividade. Hutcheon (1985) caracteriza a paródia como uma “[...] repetição com distância crítica, que marca a diferença em vez da semelhança” (1985, p.17), que, aliás, poderia advir da perda humanista “[...] da fé na continuidade e estabilidade humanas” (1985, p.21). Toda paródia, segundo ela, tem como referência um texto codificado, o qual é então recuperado com distanciamento crítico. Nesse sentido, a paródia se distingue do pastiche, uma vez que este, que também se assenta na repetição, busca não a diferença, mas a semelhança. Distingue-se também da sátira, da citação e do plágio, entre outras formas de repetição, exatamente pela distância que estabelece com o texto a ser recuperado. No caso específico do pastiche, Hutcheon (1985) observa que ele e a paródia são “empréstimos confessados”. No entanto, o duplicar textual da paródia, segundo a pesquisadora canadense, tem por razão de ser o assinalar da diferença.

Se buscarmos apreender o trasladar do coração do imperador por ocasião do Bicentenário, poderíamos dizer então que ele foi organizado como uma espécie de pastiche, uma vez que a repetição do repatriamento (mesmo que temporário) de despojos de quem proclamou a independência do Brasil emulou um momento histórico específico e todo um conjunto de rituais, significações e valores. No entanto, uma vez que esse vínculo forte se perdeu e a presença do órgão falido de D. Pedro I recebeu adjetivos como triste, mórbido e palhaçada, a repetição caminha então para uma paródia, provavelmente involuntária, na qual o distanciamento crítico não se deu em relação ao texto codificado original, mas ao próprio acontecimento atual. A ausência de adesão à pompa e à circunstância de um coração sem corpo gerou, a partir dos adjetivos indicados, antes um estranhamento e uma espécie de atordoamento.

Segundo Nuno Manna (2019, 2021), em suas reflexões sobre o fantástico e o insólito, inclusive nas narrativas jornalísticas, o atordoamento advém toda vez que uma normalidade epistêmica é tensionada ou rompida, ou seja, sempre que se pergunta se algo aparentemente implausível seria possível. O atordoamento, em diferentes narrativas (LEAL, 2021), está intimamente associado aos impactos de certos acontecimentos, vistos como insólitos e estranhos, mesmo que antes tenham sido familiares. Nesse sentido, diz Manna,

[...] há uma dimensão temporal crucial que (des)orienta essa experiência narrativa, cuja dinâmica se expressa, por meio de questões de temporalidade marcada: “O que foi que aconteceu?”, “O que está acontecendo?”, “O que acontecerá em seguida?” – diante do insólito, essas perguntas se transformam no dilema de navegar e viver uma história que desafia os limites de nosso quadro epistêmico-temporal (2021, p.313).

Indagar o que está acontecendo é buscar sentido, significação e referencialidade quando os modos usuais de conhecimento parecem falhar ou ao menos estremecer. Sendo necessariamente localizados e relacionais, os atordoamentos se fazem sentir em contextos específicos. Manna (2021) observa, aliás, que catástrofes e crises levam a atordoamentos diferentes. Nas primeiras, vinculam-se às ruínas do que já foi e que agora não é mais, quando o passado deixa de oferecer lastro para a continuidade ou mesmo previsibilidade do futuro, que se apresenta então excessivamente aberto e inseguro. Já nas crises, instaura-se um sentido de provisoriabilidade, de indecisão e incerteza. Em todos os casos, o atordoamento, se articulado aos desafios epistêmicos impostos por situações e acontecimentos, está “[...] associado a uma constelação semântica que confere as dimensões afetivas a tais experiências: incerteza, vertigem, inquietude, desconforto, impotência, angústia, ansiedade, medo [...]” (MANNA, 2021, p.317).

A recepção com honras pelo então presidente da República de um órgão sem corpo, conservado em formal, com vistas a emular uma situação de 50 anos antes, a associar-se a uma figura histórica controversa e a sinalizar um futuro possível, foi vista como palhaçada. Diante de uma urna dourada e exposta com aparatos e segurança de Estado, alguém pode se perguntar “qual seria o sentido desse coração sem corpo, que foi apropriado e expropriado de seu descanso, e que tem até sua identidade posta

em questão?”. A morbidez de um coração despedaçado do seu corpo então nos interroga.

Referências

Amazônia reverencia D. Pedro I. **Jornal do Brasil**, 25 de julho de 1972. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pagfis=240537. Acesso em: 31 ago. 2023

AMORMINO, Luciana; CAVALCANTI, Anna C. Memória e temporalidade em narrativas jornalísticas: a efeméride “BH 120 anos” no jornal Estado de Minas. **Mídia e Cotidiano**, n.3, vol. 16, set-dez 2022, p.283-303.

ANTUNES, Elton. Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico. **Contemporânea** (Salvador), v. 6, p. 1-21, 2008.

ANTUNES, Elton. Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico. **Em Questão**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

BARBOSA, Marialva; REGO, Ana Regina. Historicidade e contexto em perspectiva histórica e comunicacional. **Revista Famecos**, n.24, v.3, 2017.

BENETTI, Marcia; FONSECA, Virgínia.(org.). **Jornalismo e Acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.

BRUM, Matheus. Como podemos ter certeza de que o coração exposto é mesmo de D. Pedro 1º? **Uol**, 8 de setembro de 2022. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/09/08/como-saber-se-o-coracao-exposto-e-mesmo-de-d-pedro-1.htm#:~:text=N%C3%A3o%20h%C3%A1%20men%C3%A7%C3%A3o%2C%20nas%20reportagens,perfil%20gen%C3%A9tico%20do%20primeiro%20imperador>. Acesso em: 31 ago. 2023.

BURGOS, Rafael. Alvo de racismo, este médico negro foi quem conservou o coração de D. Pedro I. **Uol**, 31 de agosto de 2022. Disponível em <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/08/31/alvo-de-racismo-medico-tratou-d-pedro-e-conservou-coracao-do-imperador.htm>. Acesso em: 31 ago. 2023.

CAVALCANTI, Anna C. A efeméride como acionamento da memória. Análise de enquadramentos do passado na revista Cult. **Anais do 30º Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. São Paulo: PUCSP, 2021. Disponível em <https://proceedings.science/compos/compos-2021/trabalhos/a-efemeride-como-acionamento-da-memoria-analise-de-enquadramentos-do-passado-na?lang=pt-br>. Acesso em: 31 ago. 2023

DINES, Alberto. **O papel do jornal**. 9ª. Ed. São Paulo: Summus, 2009.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**. São Paulo : Unesp, 2013.

HADDAD, Naief. Tataraneto de d. Pedro 1º critica vinda de coração ao Brasil: ‘Uso eleitoral’. **Uol**, 7 de setembro de 2022. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/09/tataraneto-de-d-pedro-10-critica-vinda-de-coracao-ao-brasil-uso-eleitoral.shtml>. Acesso em: 31 ago. 2023.

HORN, Eva . **The future as catastrophe**. Nova York: Columbia University Press, 2018.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Lisboa: ed.70, 1985.

LATOURETTE, Bruno. **Onde aterrar?** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, o tempo, 2020

LEAL, Bruno S.. **Imagens e imaginários da pandemia**: relatos de um grupo em pesquisa. 1. ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2021. v. 1. 200p, 2021.

LEAL, Bruno S.; CARVALHO, Carlos A. ; JACOME, Phellipy. ; COSTA, Verônica. S. . Crise e catástrofe como categorias interpretativas das experiências humanas do tempo. **Contracampo**, v. 40, p. 3, 2021.

LEAL, Bruno.S.; CARVALHO, Carlos.A. Aproximações à instabilidade temporal do contexto. **Revista Famecos**, n.24, v.3, 2017

LIMA SOBRINHO, Barbosa. Pedro I em Pernambuco. **Jornal do Brasil**, 21 e 22 de maio de 1972. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pagfis=235589. Acesso em: 31 ago. 2023.

LOPES, Reinaldo José. 7 de Setembro da ditadura usou dom Pedro e seleção para celebrar milagre econômico. **Uol**, 6 de setembro de 2022. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/7-de-setembro-da-ditadura-usou-dom-pedro-e-selecao-para-celebrar-milagre-economico.shtml>. Acesso em: 31 ago.2023.

MANNA, Nuno. **Jornalismo e o espírito intempestivo**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2017.

MANNA, Nuno. Narrar o atordoamento. LEAL, Bruno S (org). **Imagens e imaginários da pandemia**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2021, p.311-321.

MANNA, Nuno., LAGE, Igor. Uma “catástrofe do tempo”: narrativa e historicidade pelas Vozes de Tchernóbil. **Galáxia**, Especial 1 – Comunicação e Historicidades, 2019, p. 34-46.

MIRANDA, Giuliana. Dom Pedro 1º nadava pelado, se chamava de ‘Demonão’ e chocava diplomatas. **Uol**, 30 de agosto de 2022. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/08/d-pedro-1o-nadava-pelado-se-chamava-de-demonao-e-chocava-diplomatas.shtml>. Acesso em: 31 ago. 2023

NEVES, Lúcia. Dom Pedro 1º, rei trágico, foi salvador em Portugal e déspota no Brasil. **Uol/Folha de S. Paulo**, 03 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/09/dom-pedro-1o-rei-tragico-foi-salvador-em-portugal-e-despota-no-brasil.shtml>. Acesso em: 31 ago. 2023

PICHONELLI, Matheus. Diretor de série sobre Independência: ‘D. Pedro 1º era só um despótico’. **Uol**, 4 de setembro de 2022. Disponível em <https://tab.uol.com.br/colunas/matheus-pichonelli/2022/09/04/elenco-de-independencias-ve-parallelos-entre-brasil-atual-e-o-do-seculo-19.htm>. Acesso em: 31 ago. 2023.

QUÉRÉ, Louis. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. FRANÇA, V.;OLIVEIRA, L. (org.). **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 21- 38.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – departamento de Sociologia. Seção de Comunicação, Cultura e Educação, n. 6, 2005, p.59-75.

QUÉRÉ, Louis. O caráter impessoal da experiência. LEAL, B.S.; MENDONÇA, C.; GUIMARÃES, C. (org.). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.19-38.

RIBEIRO, Ana Paula; ANTUNES, Elton; MARTINS, Bruno. Linguagem, sentido e contexto: considerações sobre Comunicação e História. **Revista Famecos**, n.24, v.3, 2017.

RIBEIRO, Belisa. **Jornal do Brasil**: História e Memória. Rio de Janeiro: Record, 2016.

RICÚPERO, Rubens. Vale a pena comemorar o Bicentenário da Independência? **CEBRI – Revista do Centro Brasileiro de Relações Internacionais**, n.1, vol. 1, 2022, p.114-128.

São Paulo vê o maior desfile em 18 anos. **Jornal do Brasil**, 8 de setembro de 1972. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pagfis=244446. Acesso em: 31 ago. 2023.

Schwarcz: Bolsonaro receber o coração de D.Pedro como dignitário é palhaçada. **Uol**, 22 de agosto de 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/08/22/schwarcz-bolsonaro-receber-coracao-de-d-pedro-como-dignatario-e-palhacada.htm> Acesso em: 31 ago. 2023.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. Resistir à barbárie que se aproxima. (Tradução de Eloísa

Araujo Ribeiro), São Paulo, Cosac Naify, 2015.

TOLEDO, José Roberto. Rainha destrona Bolsonaro nas redes e acaba com o “efeito 7 de setembro”. **Uol**, 08 de setembro de 2022. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/colunas/jose-roberto-de-toledo/2022/09/08/rainha-destrona-bolsonaro-nas-redes-e-acaba-com-efeito-7-de-setembro.htm>. Acesso em: 31 ago. 2023.

Agradecimentos: Agradecemos a Felipe Gonzaga, que, durante a iniciação científica junto do Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência, foi decisivo para o levantamento histórico apresentado neste trabalho.